

Zenaide Tamires Costa Santana

Universidade Estadual de Montes Claros

Afeto e repetição: o prazer do texto de Roland Barthes

O prazer do texto, escrito em 1973 por Roland Barthes, é percorrido pela noção de escritura. Assim, vemos o modo como Barthes situa a noção de prazer a partir do afeto do escritor/leitor. Todavia, interessa-nos nessa comunicação o caminho sugerido pelo crítico para que se alcance a linguagem do texto ou a língua intensiva da palavra literária. De acordo com Barthes, a linguagem do texto se dá com um procedimento de repetição, uma vez que a extenuação da linguagem é um processo de esgotamento dos sentidos usuais da língua. Dessa maneira, vemos associada à noção de esgotamento da língua, a noção de repetição. Por outra via, Gilles Deleuze, em *Diferença e repetição*, livro publicado em 1968, assinala que o teatro é o verdadeiro movimento da arte. Para Deleuze, o teatro da repetição opõe-se ao teatro da representação. Dessa forma, interessa-nos, sobretudo, o modo como a repetição se torna uma potência capaz de instaurar uma linguagem essencialmente afetiva, uma vez que esta repetição, enquanto movimento de um teatro, parece encarnar o próprio afeto da expressão artística. No ensaio de Barthes, temos, através da escritura, a inscrição do corpo na palavra, gesto do qual resulta o prazer do texto como um afeto vivo pela escritura. Parece-nos, então, que pensar o prazer do texto é já inscrever-se no ato escritural, gesto que faz vir a repetição não somente como um caminho para a língua intensiva, visto que a repetição surgirá também como um efeito de ordem estética no próprio pensamento de Barthes. Assim, em *O prazer do texto*, a repetição parece alcançar seu limite com o grão da voz: ao erguer a palavra literária com o seu próprio corpo – a leitura em voz alta é o prazer do texto –, o corpo do texto em seu afeto vivo.
